

Algumas de nossas histórias curiosamente podem começar antes mesmo da gente nascer. E **por que** a moda não estaria incluída nesse balaio tão gostoso de inspirações para os nossos dias? A roupa pode vir junto com o gesto e a marca nos remeter a boas lembranças. A camisa que você comprou com o seu primeiro salário. Aquela saia tão desejada que seu marido escolheu para te presentear de surpresa. E quanto aos diálogos e questões que se desenrolaram entre as araras ou dentro dos provadores? E sobre ser carioca de alma ou de nascimento e traduzir isso para a vida em forma de cores, estampas e sensações?

Lembro quando tinha 10 anos de idade e minha mãe deu um vestido da Cantão que ela havia comprado em 1977, dois anos antes de eu chegar, para ir a um casamento. Era um vestido envelope, com alças, na cor vermelha e estampado com flores, como se estivessem pintadas nele, na época em que a marca ainda se chamava *Cantão 4*. Depois de tantos anos, provavelmente mamãe deve ter enjoado do vestido e me presenteou com ele para que eu pudesse brincar de mocinha. Só que eu levei a sério: magrinha e miúda, fui devorada pelo tamanho M da peça e o guardei até que tivesse corpo suficiente para usá-lo. Finalmente, com quase 30, a alegria de poder usá-lo pela primeira vez. Uma peça vintage que parece tão contemporânea quanto qualquer outro vestido que eu tenha no armário.

Outra história que me marcou foi quando percebi que a herança genética não havia falhado comigo e que estava praticamente grisalha aos 24 anos. Foi na loja da Cantão no Leblon, tirando minha camisa para experimentar outra. No espelho do provador, o susto de quem descobre não só um, mas dúzias de cabelos brancos. Dali, fui direto para um salão, vestindo minha camisa nova para me consolar.

Sem contar quando perdia a hora para voltar ao trabalho experimentando "rapidinho" algumas peças da loja (quem nunca?). Em uma dessas vezes, minha chefe pediu que eu comprasse um material para um projeto. Depois de procurar exaustivamente nas papelarias do bairro, desisti da tarefa e entrei na Cantão para me recompensar com um conjuntinho que eu namorava há dias e estava com desconto. É claro que banqueei a louca chegando ao escritório com sacolas de roupas e esquecendo o tal pedido da chefe. A minha sorte foi que ela também apreciou a compra e correu para o shopping garantir a dela.

Ou sobre quando me formei designer e juntei dezenas de referências gráficas para inspirações de futuros projetos. Durante esses dias, em uma arrumação, reencontrei catálogos, sacolas e embalagens que eu colecionava da Cantão. E aí mais uma história se passando novamente, contada em fotos de diversos editoriais, recordações de peças das coleções e mais momentos nas lojas. Mesmo que eu não pudesse comprar nada por meses, me contentava em apreciar as artes dos catálogos como combustível alimentando minhas ideias.

Bonito é pensar que algumas marcas ultrapassam o limite das etiquetas e viram parte definitiva da nossa história, da nossa memória afetiva. A calça que eu usava quando minha música preferida tocou, a camiseta que eu vesti para abraçar alguém especial, o vestido que passou da mãe para a filha e tantas outras lindezas de histórias que a gente já viveu – e, quem sabe, podemos fazer os nossos filhos viverem.